

ALFAGUARA



Elizabeth Strout
Amy e Isabelle

Tradução de Eugénia Antunes

Fazia um calor de rachar no verão em que o professor Robertson deixou a cidade, e durante muito tempo o rio pareceu morto. Não mais de uma cobra inanimada e castanha que se espalmava ao comprido pelo centro da cidade, amontoando espuma amarelenta e emporcalhada ao longo das margens. Os estranhos que passavam na autoestrada fechavam os vidros ao cheiro nauseabundo e sulfúreo, espantados que alguém conseguisse viver com o fedor que emanava do rio e da fábrica. Mas as pessoas que residiam em Shirley Falls estavam habituadas a ele, e, apesar do calor intenso, só se notava ao acordar; não, o cheiro não as incomodava particularmente.

O que incomodava as pessoas naquele verão era que o céu nunca estivesse azul, que uma ligadura de gaze suja parecesse envolver a cidade, dispersando os raios de sol que pudessem penetrar, bloqueando o que dava às coisas a sua cor e concedendo a tudo uma presença vaga e insípida: foi isto que aborreceu as pessoas naquele verão, que as inquietou ao fim de um tempo. E houve mais: rio acima, as colheitas não corriam bem; o feijão-verde era pequeno e mirrava na planta, as cenouras não ultrapassavam o tamanho de um dedo de criança e, ao que tudo indicava, tinham sido avistados dois óvnis a norte do estado. Constava até que o governo mandara gente para investigar o sucedido.

No escritório da fábrica, onde um punhado de mulheres passava os dias a separar faturas, a arquivar cópias de documentos, a socar carimbos contra envelopes, houve conversas apreensivas durante uns tempos. Havia quem achasse que o mundo estava para acabar, e mesmo as que não iriam tão longe quanto isso se viram obrigadas a admitir que talvez não tivesse sido boa ideia mandar homens para o espaço, que, a bem dizer, não tínhamos nada que andar a dar passos na Lua.

Em todo o caso, o calor era implacável, as ventoinhas que zuniam nas janelas pareciam não surtir efeito, e, ao fim de um tempo, as mulheres, sentadas às espaçosas secretárias de madeira com as pernas ligeiramente separadas, afastando o cabelo da nuca, perderam o fôlego. «Dá para acreditar nisto?» era, passado um tempo, a única coisa que diziam.

Um dia, o chefe, Avery Clark, mandara-as para casa mais cedo, mas seguiram-se dias ainda mais quentes sem que tal possibilidade fosse sequer a florada, portanto, seria de prever que não voltasse a acontecer. Ao que tudo indicava, esperava-se que sofressem ali sentadas, e sofriam mesmo, uma vez que o escritório retinha o calor. Era uma divisão grande, com um pé-direito alto e chão de madeira rangente. As secretárias estavam dispostas aos pares, face a face, a todo o comprimento da divisão. Armários arquivadores de metal cobriam as paredes e sobre um deles havia um filodendro, com as gavinhas recolhidas e enroladas como um púcaro de argila feito por uma criança, se bem que alguns enlços já se tivessem escapado e pendessem quase até ao chão. Era a única coisa verde no escritório. Uma *tradescantia* e umas poucas begónias abandonadas nos para-peitos das janelas estavam já castanhas e, ocasionalmente,

o vento quente soprado por uma das ventoinhas fazia uma folha morta voar e cair ao chão.

No meio desta paisagem de lassidão, uma mulher destacava-se das restantes. Em abono da verdade, ela sentava-se à parte das demais. Chamava-se Isabelle Goodrow e, por ser secretária de Avery Clark, a sua mesa não fazia par com mais nenhuma. Em vez disso, estava de frente para o gabinete do próprio Avery Clark, uma estrutura canhestra de painéis de madeira e vidraças (aparentemente para que pudesse manter as suas trabalhadoras debaixo de olho, embora raras vezes levantasse os olhos da secretária) que era conhecida como «o aquário». Ser secretária do chefe concedia a Isabelle Goodrow um estatuto diferente do das outras mulheres, mas, de qualquer modo, ela era diferente. Por exemplo, vestia-se sempre impecavelmente; não obstante o calor, usava colãs. A um primeiro olhar, parecia bonita, mas, após um exame mais minucioso, percebia-se que não era caso para tanto, que a sua beleza não ia além do comum. O cabelo era decididamente comum: fino e castanho-escuro, apanhado atrás num puxo ou num torcido. O penteado fazia-a parecer mais velha, uma mulher antiquada e rígida, e os olhos escuros e pequenos davam-lhe uma expressão de surpresa constante.

Ao passo que as outras mulheres tendiam a suspirar muito, ou a fazer viagens frequentes à máquina dos refrigerantes, queixando-se de dores nas costas e dos pés inchados, e aconselhando-se a não tirarem os sapatos, pois nem dali a cem anos conseguiriam voltar a calçá-los, Isabelle Goodrow mantinha-se bastante quieta. Sentava-se à secretária com os joelhos juntos e as costas direitas e datilografava a um ritmo constante. Tinha um pescoço um pouco fora do comum. Para uma mulher baixa, parecia excessivamente comprido,

e assemelhava-se ao pescoço do cisne que naquele verão fora visto no rio moribundo, flutuando absolutamente imóvel junto às margens espumosas.

Ou, pelo menos, assim pensava a filha, Amy, rapariga que naquele verão tinha dezasseis anos e que há algum tempo sentia aversão ao pescoço da mãe (à mãe em geral, ponto final) e que nunca quisera saber do cisne para nada. Sob vários aspetos, Amy não se parecia com a mãe. Ao passo que o cabelo desta era baço e fino, o de Amy era espesso e alourado. Mesmo curto, como ela o usava então, por baixo das orelhas, notava-se que era mais saudável e forte. E Amy era alta. Tinha mãos grandes, pés compridos. Mas os olhos, maiores do que os da mãe, espelhavam com frequência a mesma expressão de surpresa, e esse ar de sobressalto tinha o condão de provocar algum desassossego na pessoa sobre a qual os olhos se fixavam. Se bem que Amy fosse tímida, e raras vezes fitasse quem quer que fosse durante muito tempo. Era mais propensa a deitar olhares rápidos às pessoas, antes de virar a cabeça. De qualquer modo, não sabia ao certo que impressão causava nos demais, se é que causava alguma, muito embora no passado se tivesse examinado bastante em qualquer espelho à mão de semear.

Naquele verão, porém, Amy não se olhava ao espelho. Evitava-os, na verdade. Também teria gostado de evitar a mãe, mas era impossível, já que trabalhavam juntas na fábrica. A mãe e Avery Clark tinham feito aquela combinação meses atrás, e ainda que devesse sentir-se grata pelo emprego, ou assim a mãe lhe dissera, isso não acontecia. O trabalho era muito entediante. Tinha de adicionar, numa máquina de somar, a última coluna de números das faturas cor de laranja empilhadas na sua secretária, e a única coisa boa era que, às vezes, a sua mente adormecia.

O verdadeiro problema, claro, era que ela e a mãe passavam o dia todo juntas. Amy tinha a sensação de que as ligava uma linha negra, uma linha não maior do que um risco feito a lápis, talvez, mas, ainda assim, uma linha omnipresente. Ainda que uma delas saísse da divisão, fosse à casa de banho ou ao dispensador de água no corredor, digamos, a linha negra não se quebrava, atravessava simplesmente a parede. Elas faziam o melhor que podiam. Ao menos, as suas secretárias estavam bastante afastadas e não de frente uma para a outra.

A um canto afastado, Amy sentava-se a uma mesa virada para Bev Gorda. Aquele era o lugar habitual de Dottie Brown, mas naquele verão Dottie estava em casa a recuperar de uma histerectomia. Todas as manhãs, Amy via Bev Gorda deitar uma medida de fibra de psílio para uma embalagem de sumo de laranja e agitá-la com força.

— Sorte a tua — dizia Bev Gorda. — És jovem e saudável e tudo o resto. Aposto que nem sequer pensas nas tripas.

Constrangida, Amy, virava a cabeça.

Bev Gorda acendia sempre um cigarro depois de beber o sumo de laranja. Anos mais tarde, seria aprovada uma lei que a impediria de fazer tal coisa no local de trabalho — e, por essa altura, ela já teria mais cinco quilos e estaria reformada —, mas naquele tempo ainda podia inspirar com força e soprar o fumo com lentidão, até que apagava a beata no cinzeiro de vidro e dizia a Amy:

— Ah, assim sim, resultou. — E, piscando o olho a Amy, levantava-se da cadeira com afã e arrastava a sua corpulência para a casa de banho.

Era interessante, na verdade. Amy não sabia que os cigarros davam vontade de ir à casa de banho. Não acontecia quando ela e Stacy Burrows fumavam no bosque atrás

da escola. E também não fazia ideia de que uma mulher adulta pudesse falar abertamente das suas tripas. Este facto em especial fez Amy dar-se conta de que ela e a mãe não viviam como as outras pessoas.

Bev Gorda voltava da casa de banho, acomodava-se na cadeira com um suspiro e depenicava pedaços minúsculos de cotão da enorme blusa sem mangas.

— Bom — dizia ela, e esticava o braço na direção do telefone, revelando a meia-lua de transpiração no tecido azul-bebé debaixo da axila —, é melhor dar uma ligadela à Dottie.

Bev Gorda telefonava a Dottie Brown todas as manhãs. Dessa feita, marcou o número com a ponta do lápis e segurou o auscultador entre o ombro e o pescoço.

— Ainda sangras? — perguntou, tamborilando a secretária com as unhas cor-de-rosa, que mais pareciam discos rosados incrustados na carne. Eram rosa-melancia; Bev mostrara o frasco do verniz a Amy. — Queres estabelecer um recorde ou assim? Não importa, não tenhas pressa em voltar. Ninguém sente minimamente a tua falta. — Bev Gorda pegou numa revista da Avon, abanou-se com ela e recostou-se na cadeira, o que a fez ranger. — A sério, Dot. É bem melhor olhar para a cara bonita da Amy Goodrow do que ouvir-te arengar o dia todo sobre as tuas cólicas. — Piscou o olho a Amy.

Amy desviou os olhos e continuou a inserir números na calculadora. Era simpático da parte de Bev Gorda dizer aquilo, mas claro que não era verdade. Bev Gorda sentia muitas saudades de Dottie. E porque não havia de sentir? Eram amigas há uma eternidade, sentavam-se naquela sala há mais anos do que Amy tinha de vida, se bem que tal fosse inconcebível para ela. Além do mais, Bev Gorda

adorava conversar. Ela mesma o confirmara: «Não consigo estar cinco minutos calada», dissera ela certa vez, e Amy, de olhos no relógio, comprovara que assim era. «*Preciso de falar*», explicou Bev Gorda. «É uma espécie de coisa física.» Dir-se-ia que tinha razão. Ao que parecia, a sua necessidade de falar era tão persistente como a de consumir rebuçados *Life Savers* e cigarros, e Amy, que adorava Bev Gorda, lamentava que a sua própria tendência para o silêncio se revelasse uma desilusão. Sem formular por completo o pensamento, culpava a mãe, que também não era uma pessoa particularmente faladora. Bastava olhar para ela, sentada a datilografar o dia todo, nunca se abeirando da secretária de ninguém para perguntar como estava ou se queixar do calor. Devia saber que a consideravam uma snobe. E, sendo filha dela, por certo que Amy estava na mesma categoria.

Bev Gorda, contudo, não parecia nem um pouco desiludida por partilhar o seu canto com Amy. Desligou o telefone, inclinou-se para a frente e disse a Amy, num tom confidencial, que a sogra de Dottie Brown era a mulher mais egoísta da cidade. Dottie tinha um desejo de comer salada de batata, o que era muito bom sinal, e quando o mencionara à sogra, que, como toda a gente sabia, fazia a melhor salada de batata das redondezas, Bea Brown sugerira que Dottie se levantasse da cama e fosse ela mesma descascar as batatas.

— Isso é horrível — comentou Amy, com sinceridade.

— Eu também acho. — Bev Gorda endireitou-se na cadeira e bocejou, dando palmadinhas na garganta sapuda enquanto os olhos se lhe enchiam de lágrimas. — Querida — disse ela, enquanto assentia com a cabeça —, casa-te com um homem cuja mãe já tenha morrido.

*

O refeitório da fábrica tinha um aspeto estafado e desleixado. Uma das paredes estava coberta de máquinas de venda automática e na outra havia um espelho rachado a todo o comprimento; o linóleo lascava-se das mesas, que eram afastadas ou juntas ao acaso à medida que as mulheres se acomodavam, dispunham os sacos de papel com o almoço, as latas de refrigerante e cinzeiros, e desembrolhavam as sanduíches. Como acontecia todos os dias, Amy sentava-se longe do espelho rachado.

Sentada à mesma mesa, Isabelle abanou a cabeça ao ouvir a história da resposta cruel que Bea Brown dera a Dottie. Arlene Tucker disse que o mais certo era que a culpa fosse das hormonas, que, se olhassem com atenção para o queixo de Bea Brown, veriam que ela tinha pelos e, na opinião dela, as mulheres assim tendiam a ter mau feitio. Rosie Tanguay alegou que o problema de Bea Brown era nunca ter trabalhado um único dia na vida, e depois disso as conversas dispersaram-se em pequenos grupos, com vozes desconexas que se sobrepunham. Risadas pontuavam uma história, exclamações chocadas acompanhavam outra.

Amy apreciava aquilo. Achava todas as conversas interessantes, inclusivamente a história do frigorífico avariado: dois litros de gelado de chocolate derretido no lava-louça, azedado e a feder na manhã seguinte. As vozes eram agradáveis e reconfortantes; em silêncio, Amy olhava para uma cara e logo para outra. Não era excluída das conversas, mas as mulheres tinham pejo, ou porventura falta de vontade, de a incluir. Amy podia assim distrair-se. Divertir-se-ia mais, claro, se a mãe não estivesse presente, mas o afável alvoroço do refeitório concedia a ambas um

certo refrigerário uma da outra, ainda que a linha negra continuasse a uni-las.

Bev Gorda pressionou um botão da máquina dos refrigerantes e uma lata de cola *Tab* caiu com estrépito na calha. Inclinou o seu enorme corpo para a recolher.

— Mais três semanas e a Dottie pode fazer sexo — disse ela. A linha negra retesou-se entre Amy e Isabelle. — Ela preferia que fossem mais três meses. — E nesse momento, a lata de cola foi aberta. — Mas imagino que o Wally comece a ficar irritadiço por andar à míngua.

Amy engoliu a côdea da sanduíche.

— Alguém lhe diga que Deus lhe deu duas mãos — comentou alguém, e houve gargalhadas.

O pulso de Amy acelerou, sobre o lábio superior formaram-se gotículas de transpiração.

— Uma pessoa seca depois de uma histerectomia, como sabem — disse Arlene Tucker, e fez um aceno sabichão com a cabeça.

— Eu não sabia.

— Porque não te tiraram os ovários. — Arlene assentiu outra vez. Era uma mulher firme e crente no que dizia. — No caso da Dot, retiraram tudo.

— Oh, a minha mãe deu em doida com os afrontamentos — disse alguém, e, por sorte, Amy sentiu o pulso desacelerar, a cara arrefecer, apesar do calor. A irritabilidade de Wally foi esquecida, a conversa centrou-se nos afrontamentos e nos ataques de choro.

Isabelle embrulhou o que restava da sua sanduíche e devolveu-a ao saco.

— Oh, credo, quem me dera. — Bev deu uma risada e o seu peito volumoso subiu e desceu. — Para mim, nunca está calor a mais para comer.

Isabelle sorriu e tirou um batom da mala de mão.

Amy bocejou. De repente, sentia-se exausta; podia ter deitado a cabeça na mesa e adormecido.

— Querida, estou curiosa — dizia Bev Gorda. Acabara de acender um cigarro e olhava para Amy através do fumo. Beliscou uma fibra de tabaco do lábio e observou-a antes de a sacudir com um piparote.

— Que te levou a cortar o cabelo?

A linha negra vibrou e zuniu. Sem querer, Amy olhou para a mãe. Isabelle aplicava o batom com a ajuda de um espelho de mão e a cabeça ligeiramente inclinada para trás; a mão que segurava o batom deteve-se.

— Está giro — acrescentou Bev. — Muito giro. É só curiosidade, mais nada. Com um cabelo tão farto como o teu.

Amy virou a cabeça para a janela, tocando o lóbulo da orelha. As mulheres punham-se de pé, deitavam os sacos do almoço ao lixo, sacudiam as migalhas do peito e bocejavam com os punhos cerrados à frente da boca.

— E provavelmente até tens menos calor assim — disse Bev Gorda.

— Sim. Muito menos. — Amy olhou para Bev e depois desviou o olhar.

Bev Gorda suspirou de forma audível.

— *Okay*, Isabelle — disse ela. — Anda daí. De volta às minas de sal.

Isabelle pressionava os lábios e fechava a carteira.

— Isso mesmo — concordou ela, sem olhar para Amy. — O trabalho não dá tréguas.

*

Mas Isabelle tinha a sua história, claro. E anos antes, quando aparecera na cidade e arrendara a velha casa dos Cranes, na Route 22, onde instalara os seus poucos pertences e a filha bebé (uma criança de ar sério e cabelo claro e encaracolado), despertara a curiosidade dos fiéis da igreja congregacional e também das mulheres às quais se juntara no escritório da fábrica.

A jovem Isabelle Goodrow não obsequiara aquela curiosidade, contudo. Disse apenas que o marido morrera, assim como os pais, e que descera o rio e se mudara para Shirley Falls para ter mais hipóteses de ganhar a vida. Ninguém sabia muito mais, na verdade. Um quantas pessoas, porém, notaram que quando ela chegara à cidade tinha aliança de casamento e que ao fim de um tempo já não a usava.

Não fazia amigos, ao que parecia. Tão-pouco fazia inimigos, embora, sendo uma trabalhadora escrupulosa, tivesse conseguido uma série de promoções. Todas tinham sido acompanhadas de queixas murmuradas no escritório, sobretudo da última vez, em que ela subira muito acima das restantes ao tornar-se secretária pessoal de Avery Clark, mas ninguém lhe desejava mal. Trocavam-se piadas, comentários, atrás das costas dela, ocasionalmente, de que lhe faria bem uma boa cambalhota no feno para descontraí-la, mas tinham-se tornado mais raros com o passar dos anos. Entretanto, Isabelle já era uma veterana na cidade. O receio de Amy de que a mãe fosse vista como uma snobe não se justificava. Não deixava de ser verdade que as mulheres mexericavam umas sobre as outras, mas Amy era demasiado jovem para compreender que os laços quase familiares que as uniam se estendiam à sua mãe.

Ainda assim, ninguém afiançaria conhecer Isabelle. E é certo que ninguém teria adivinhado que a pobre comia

naquela altura o pão que o diabo amassara. Se parecia mais magra do que o habitual, um pouco mais pálida também, era por causa do calor sufocante. Este era tanto que, mesmo naquele momento, estando o dia a acabar, emanava do alcatrão do parque de estacionamento que Amy e Isabelle atravessavam.

— Bom serão para vocês — gritou Bev Gorda, ao afundar-se no banco do seu carro.

No parapeito junto ao lava-louça, os gerânios luziam flores vermelho-vivas do tamanho de bolas de *softball*, mas havia mais duas folhas que tinham amarelado. Ao pousar as chaves na mesa, Isabelle apercebeu-se disso de imediato e foi arrancá-las. Se soubesse que o verão ia ser assim, não se teria maçado a comprar gerânios. Não teria enchido as floreiras das janelas da frente com petúnias lilases ou plantado tomates, calêndulas e balsamina no quintal das traseiras. Encarava o mais ligeiro emurchecimento como uma espécie de fatalidade. Palpou a terra do vaso com a ponta dos dedos e achou-a demasiado húmida, pois os gerânios precisavam de sol direto e não daquele calor húmido. Deitou as folhas no caixote do lixo por baixo do lava-louça e desviou-se para deixar Amy passar.

Era ela quem fazia o jantar, ultimamente. Nos velhos tempos — a expressão que Isabelle usava na sua cabeça para se referir à vida que tinham antes daquele verão — costumavam cozinhar à vez, mas, entretanto, a tarefa estava a cargo de Amy. Uma combinação tácita: o mínimo que Amy podia fazer era abrir uma lata de beterrabas e fritar uns hambúrgueres. Abria naquele momento os armários, sem pressa, e espetava um dedo ocioso na carne dos hambúrgueres.

— Lava as mãos — instruiu Isabelle, e avançou na direção das escadas.

Mas o telefone, arrumado a um canto da bancada, começou a tocar e tanto Isabelle quanto Amy se alarmaram e encheram de esperança: às vezes, passavam-se dias inteiros sem que o aparelho desse um pio.

— Estou? — atendeu Amy, e Isabelle estacou com um pé no degrau. — Ah, olá. — Cobrindo o bocal com a mão e, sem olhar para a mãe, disse: — É para mim.

Isabelle subiu as escadas com lentidão.

— Sim — ouviu Amy dizer. E depois, mais baixo: — Como está o teu cão?

Isabelle avançou rumo ao quarto. Quem é que Amy conhecia que tivesse um cão? O quarto, encaixado sob o beiral, era sufocante àquela hora do dia, mas Isabelle fechou a porta, e com estrépito, para que Amy ouvisse: *Repara como te dou privacidade.*

E Amy, que enrolava o fio do telefone no braço, ouviu a porta fechar-se e entendeu a mensagem, mas sabia que a mãe só queria ficar bem-vista, marcar um ponto ou dois a seu favor.

— Não posso — disse Amy ao telefone, e pressionou a palma contra a carne dos hambúrgueres. E passado um instante: — Não, ainda não lhe disse.

Isabelle, encostada à porta do quarto, não diria estar a ouvir a conversa às escondidas. Antes que se sentia demasiado agitada para ir lavar a cara ou mudar de roupa enquanto Amy estava ao telefone. Só que Amy parecia não dizer grande coisa, e pouco depois Isabelle ouviu-a desligar. A seguir, o som de tachos e panelas chegou ao piso de cima e Isabelle entrou na casa de banho para tomar um duche, após o qual diria a sua oração e desceria para jantar.

Antes de Olive Kitteridge e de Lucy Barton, houve Amy — uma mãe distante — e houve Isabelle — uma filha insegura. Neste romance, Elizabeth Strout mergulha nos desafiantes laços e nós que compõem a relação complexa e melindrosa entre mães e filhas.

«Durante anos, fora esse o seu segredo: queria ter uma mãe diferente. Queria uma mãe bonita, que cumprimentasse as pessoas de modo caloroso. Queria uma mãe que se assemelhasse às mães nos anúncios de televisão. [...] não queria aquela mãe ali encurralada no bosque, naquela casa pequena.»

Isabelle Goodrow vive na pequena cidade de Shirley Falls com Amy, a filha adolescente. Destaca-se das outras mulheres da comunidade pela maneira de agir e vestir, dando grande importância às aparências e à aprovação social. Contudo, atrás da fachada de decoro, a sua vida amorosa guarda um segredo inconfessável.

Amy, por seu lado, é uma rapariga tímida, com poucos amigos, encerrada numa casa claustrofóbica. Tem com a mãe uma relação tensa, minada pelas coisas não ditas e pelas incompreensões mútuas. Com a adolescência — e a chegada de um novo professor — vem o despertar para os prazeres da paixão e o mergulho numa relação proibida. Depois de um instante fatídico, nada será como antes, e o mundo de Amy e de Isabelle entram em rota de colisão.

Da autoria de uma das mais fulgurantes romancistas da atualidade, já distinguida com o Prémio Pulitzer, Amy e Isabelle é uma reflexão cristalina sobre família, desejo e traição, sobre a morte da ilusão e o medo de amar.



«Um daqueles livros raros e revigorantes, que partem de um mundo aparentemente familiar e o dissecam com implacável intimidade, revelando afinal um lugar estranho e inquietante.»

The New York Times Book Review

PRÉMIO LOS ANGELES TIMES ART SEIDENBAUM
PRÉMIO CHICAGO TRIBUNE HEARTLAND



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
penguinlivros

ISBN 9789897876073



9 789897 876073 >